



A trajetória das revistas recifenses: do século XX aos dias atuais¹

Rosimere Pereira de ALBUQUERQUE²

Aline Maria Grego LINS³

Gabriel Nogueira Linhares MARQUIM⁴

Rute Bezerra PAJEÚ⁵

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O jornalismo pernambucano é conhecido por abrigar o jornal mais antigo em circulação na América Latina, o Diário de Pernambuco. Mas o que pouca gente sabe é que a produção e a circulação de revistas no Recife também sempre foi uma marca da imprensa local. Esse trabalho procura resgatar parte dessa história, identificando as publicações produzidas e que circularam na capital pernambucana no século passado e que circulam nos dias atuais. Foram encontrados mais de 150 títulos, dos quais, por questões metodológicas, foram analisados aqueles que conseguiram resistir e sobreviver a, pelo menos, um ano de existência. Da Evolução, revista de 1908, até a Coquetel Molotov, de 2004, esse trabalho analisa como as questões sociais, econômicas, políticas e culturais interferiram na produção jornalística das revistas recifenses.

PALAVRAS CHAVE: imprensa; revistas; mídia; cultura contemporânea.

A publicação e a circulação de revistas na capital pernambucana procurou imprimir, ao longo de sua trajetória, de modo particular no século XX, a marca da resistência cultural da cidade e do jornalismo local. Apesar de raras vezes conquistarem projeção nacional e de enfrentarem, quase sempre, sérias crises, financeiras as revistas sempre rondaram os sonhos e as redações do jornalismo pernambucano.

Computando os últimos cem anos, o Recife chegou a publicar mais de 150 diferentes títulos, a grande maioria entre o fim dos anos 30 e o início dos anos 60, o que representa uma média de uma revista e meia por ano. Claro que muitas dessas publicações não passaram do primeiro exemplar, ou, por questões financeiras ou por perseguições políticas, ou, ainda, porque se tratava de publicações comemorativas.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: rosi.mere@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Docente e pesquisadora do Curso de Jornalismo da UNICAP, email: aligreg@uol.com.br

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: gmaquim@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: rutepajeu@gmail.com



Por isso mesmo, neste trabalho, a opção foi deter-se, apenas, nas revistas editadas e comercializadas pela imprensa recifense que circularam, no mínimo, durante um ano. O objetivo é apresentar, ainda que de forma geral, a trajetória histórica de algumas dessas revistas, observando as relações econômicas, políticas e sociais em que estavam inseridas, bem como as especificidades editoriais de cada uma delas. Espera-se, assim, poder contribuir com a memória e, conseqüentemente, com o resgate histórico de parte da imprensa brasileira.

A imprensa pernambucana sempre teve um papel marcante na história do Estado e da região Nordeste. O jornal Diário de Pernambuco, o mais antigo em circulação na América Latina, é um exemplo vivo de como a sociedade recifense valoriza a produção jornalística. Não foi diferente com as revistas. É bem verdade que várias publicações desapareceram precocemente, em função das crises financeiras ou políticas. Algumas surgiram com o objetivo de divulgar eventos, deixando de circular logo em seguida; outras conseguiram superar desafios e crises, e adequaram-se, ao longo dos anos, as mudanças de linguagem e de formato gráfico jornalístico. Observando esse contexto, às revistas eleitas para a presente análise foram: Evolução, Revista do Norte, Revista de Pernambuco, Atlântida, Capibaribe, Itatiaia, Dos Novos, Quadra, Continente Multicultural, Coquetel Molotov e Algomais.

Um ponto comum no perfil editorial dessas revistas era o espaço dedicado a eventos de arte e cultura. O foco na política, assim como as ligações com o poder vigente, principalmente as publicações que foram produzidas na Era Vargas, era outra característica presente nas revistas recifenses.

Nas publicações analisadas foi possível, ainda, observar o importante papel da literatura, visto que matérias puramente jornalísticas e factuais não eram tão presentes nos periódicos publicados até os anos 40. Somente após uma reformulação na atividade jornalística, no final dos anos 40, foi que a imprensa pernambucana incorporou, de forma mais sistemática, reportagens factuais sobre política, educação e cultura.

Da Evolução ao Coquetel Molotov

A revista A Evolução, publicada mensalmente, circulava em média com 45 páginas. Parte de seus exemplares encontra-se arquivada na Biblioteca Pública do Estado. Lançada em 1908, sob a direção de Raul Azevedo, a revista, como o nome sugere, adotava uma linha editorial moderna e inovadora. Já em seu primeiro exemplar,



a revista compromete-se a adotar um discurso crítico, que ajude a evolução da sociedade e a quebra de alguns paradigmas, a exemplo da participação cidadã da mulher, conforme defende seu editorial de estréia:

Trabalhar pelo desenvolvimento econômico, intelectual e moral da coletividade: procurando despertar o interesse e o zelo pelos seus vitais direitos e necessidades por ela, geralmente descuidados; promovendo a adoção de métodos educativos da infância e da mocidade adequados ao destino do homem moderno; batendo-se pela policultura e pelo ensino agrícola teórico e prático; contrapondo-se à ação de todos os elementos retrógrados militantes no meio social; concorrendo para a cultura mental e para a melhoria das condições materiais de existência do operariado urbano e rural; pregando a necessidade da elevação do nível intelectual da mulher; vulgarizando os preceitos da moral científica. Eis as idéias fundamentais que deverão inspirar as contribuições dos redatores e colaboradores desta revista. ([EDITORIAL], 1908, p.6).

Com os ideais de contestação e modernidade, A Evolução manteve-se em circulação por pouco mais de um ano, publicando matérias sobre política, cultura e liberdade até agosto de 1909, quando as dificuldades econômicas passaram a impedir que o periódico fosse produzido. Ressurgiu quatro anos depois, em março de 1913, sem modificações na linha editorial e no formato da revista. Alguns nomes importantes somaram-se aos colaboradores de A Evolução, entre eles o do historiador Alfredo Carvalho, responsável pelo início das pesquisas sobre a imprensa brasileira, ainda no início do século XX, e Dantas Barreto, governador de Pernambuco na época, que publicou vários artigos. Apesar do vigor em tratar questões contemporâneas e do conteúdo de qualidade, as dificuldades econômicas, um reflexo da própria economia da época, impediram que a revista sobrevivesse e, em setembro de 1913, seus colaboradores publicaram a edição de nº 17, a última da história da revista.

A crise econômica também influenciou a publicação da Revista do Norte, um semanário de variedades, publicado pela primeira vez em 8 de outubro de 1923. Alguns dos seus exemplares encontram-se arquivados também na Biblioteca Pública do Estado. Sob a direção dos editores J. M. Carneiro Albuquerque e Mello e Amaro B. de Albuquerque e Mello, a revista publicou um único número no ano em que foi lançada, só retomando as atividades na primeira quinzena de janeiro do ano seguinte, quando publicou em seu editorial:

Sahe este numero da “Revista do Norte” com um grande atraso, por motivos que não foi possível evitar. Procuramos, em compensação, modificando a circulação, que passa a ser quinzenal, dar mais amplitude



ao seu programma e mais variedade e interesse ao seu summario, incluindo nelle o comentário de todos os aspectos do nosso progresso, com a collaboração dos intellectuaes e artistas do Norte. ([REVISTA...], 1924, p.16).

Entre as modificações realizadas estavam a inclusão de mais um diretor, João Monteiro e a redução no valor da assinatura da revista em 50% (caiu de 20 mil para dez mil réis), manteve, porém, o preço do exemplar vendido avulso, em 400 réis. O formato da Revista do Norte apresentava propostas curiosas, entre elas, a publicação de um único texto dividido em três ou até quatro edições, como foi o caso da “História da Onça”, de Domingos Olympio, publicado em três diferentes partes e momentos: o primeiro na edição inaugural da revista e a última no terceiro número (janeiro de 1924).

A revista era contemporânea do movimento modernista brasileiro, que teve seu marco inicial na Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, com a presença de diversos artistas e escritores. A Revista do Norte demonstrava, claramente, em seu editorial, tendências modernistas. Muitos dos seus colaboradores eram adeptos do novo movimento literário e artístico brasileiro - a exemplo de Joaquim Cardozo - poeta modernista e engenheiro reconhecido por projetar os monumentos de Oscar Niemeyer. Foi justamente na Revista do Norte que Joaquim Cardozo publicou seus primeiros poemas, inclusive o mais famoso, escrito em 1924, “Recife Morto”. Ele participou também da revista como ilustrador em algumas edições. O poeta pernambucano Manuel Bandeira foi outro colaborador ilustre em diversas edições da Revista do Norte. Os desenhos que normalmente ilustravam a capa dessa publicação também ganhavam espaço de destaque no corpo da revista. Outra personalidade que fez parte do corpo redacional da revista foi o escritor e sociólogo Gilberto Freyre, que teve sua primeira aparição no periódico com um artigo intitulado “Do bom e do mau regionalismo”, mas logo ganhou mais espaço chegando a ser o responsável pelo único suplemento publicado pela Revista do Norte, que se reportava à conferência realizada na Biblioteca Pública do Estado, no dia 02 de dezembro de 1925, intitulada “A Propósito de Dom Pedro II” (1926).

Outra publicação de destaque no início do século passado foi a Revista de Pernambuco, que teve início em 1924. A publicação mensal estava sob a responsabilidade do corpo redacional do Diário do Estado e mantinha, claramente, ligação com o governo vigente da época. A revista dava espaço a artigos políticos, poemas, matérias sobre as reformas financiadas pelo governo e prefeitura, além de fotografias, utilizadas com regularidade em suas edições, desde o primeiro exemplar.



Por ser vinculada ao Diário do Estado, a revista apresentava alguns conteúdos comuns aos do Diário Oficial, a exemplo do Boletim Econômico e Estatístico do Estado, com o balanço da produção agrícola e as notas dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário). Esse conteúdo, em média, ocupava duas páginas da revista, que direcionava o foco editorial na produção de matérias sobre política, indústria, ciência e artes.

A revista, como o próprio nome destacava, tinha como meta divulgar Pernambuco: esse objetivo fica claro no editorial do seu primeiro número, publicado no dia 2 de julho de 1924, em que, entre outros pontos, destacava: “A Revista de Pernambuco inicia, hoje, um serviço de publicidade, tendendo a dizer lá fora o que somos, o que valemos”. ([REVISTA...], 1924, p.10).

Nas décadas de 20 e 30, a modernização e a industrialização eram as palavras de ordem, e o Estado passava por grandes mudanças, como as obras do porto do Recife, a construção da avenida Beira Mar, em Boa Viagem, a construção da praça do Derby, as obras de saneamento na capital, além de reformas no interior de Pernambuco. Todos esses empreendimentos apareciam em destaque nas páginas da revista, que ressaltava a participação do governo do Estado e, claro, da Prefeitura do Recife, nessas obras.

Assim como a Revista do Norte, a Revista de Pernambuco foi contemporânea do movimento Modernista Brasileiro e também era simpática às idéias desse Movimento, prova disso foi o texto do escritor Joaquim Inojosa, publicado na edição de julho de 1925, sobre a modernidade do poeta Graça Aranha, onde ele indaga: “Quem poderá negar que existe um sopro renovador no país? Quem negará que Graça Aranha é que agitou a bandeira vermelha chamando a mocidade, reunindo-a e mostrando-lhe a sua gloriosa missão nos destinos da pátria?” (INOJOSA, 1925, p. 34).

Já no final dos anos 30, destaque para a revista mensal Atlântida, fundada em 1939, que mantinha claramente uma ligação com o governo vigente. Em 1942, o Estado Novo ditava tudo o que podia ou não podia ser escrito ou publicado pela imprensa. As capas da edição nesse ano, por exemplo, faziam homenagens a militares, entre eles, a homenagem ao Coronel Magalhães Barata, com fotografias e uma reportagem sobre o militar, um dos principais defensores de Getúlio Vargas, na região Norte do país.

A revista sempre destinava espaço à poesia e não publicava muitas reportagens, somente colunas, depoimentos, coluna social e a lista dos aniversariantes do mês. Dividida em seções, seus espaços, quase sempre, eram identificados por subtítulos. Havia a seção do Agricultor, a Página Social, a Página Feminina, a seção da



Publicidade, Livros em Revista, Grafologia, Panorama Sonoro e a página da Cinematografia. Aqui, vale destacar que, a exemplo da literatura, em especial a poesia, o cinema também despertava interesse nas publicações jornalísticas pernambucanas.

Na edição de 1944, um pequeno texto centralizado demonstrava a clara defesa da revista em relação ao espírito patriótico bem como o apoio aos militares. “Aos soldados de terra, mar e ar, que lutam pela glória da Pátria Brasileira, Atlântida deseja um feliz Natal e um ano novo cheio de vitórias” ([VOTOS...], 1944, p.3). Textos desse nível não foram encontrados em outras edições da revista, que demonstrava o apoio da Atlântida aos militares e ao governo vigente.

Em janeiro de 1945 a edição de Atlântida já se mostrava diferente. Em outubro desse ano, Vargas seria deposto do poder. Na capa, a primeira mudança observada foi a inserção de desenhos, no lugar de fotos de governantes ou militares. Mas a estrutura editorial da revista continuava praticamente a mesma, com poesias, anúncios de publicidade e pouca matéria jornalística. A edição, que correspondeu ao período de maio a junho de 1945, fez homenagens ao fim da Segunda Guerra Mundial. Em suas páginas, destaque para a vitória do Brasil, exaltando os militares de sucesso na guerra.

O último exemplar da revista Atlântida circulou em dezembro de 1945, pouco depois de Vargas ser deposto do poder. Nesse período ficou nítida que a ligação com o poder e com a figura do próprio Vargas, também era uma dependência financeira necessária à sobrevivência da própria revista. Em sua última edição, curiosamente, a revista apresentou reportagens jornalísticas sobre fatos da época em maior número e deu menos espaço para as poesias, propagandas e colunas sociais.

A ligação de Getúlio Vargas com revistas pernambucanas não ficou restrita à Atlântida. A revista Itatiaia (1946), dirigida por Miguel de Souza Leão, de família econômica e politicamente tradicional do Recife, também demonstrava, em suas edições, a relação com o governo federal. Na primeira edição, estava presente a figura do general e então presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da Guerra, que teve o apoio de Getúlio Vargas para eleger-se presidente, enquanto Vargas foi eleito senador.

Na edição de julho a dezembro de 1950, no aniversário de fundação da revista, a homenagem foi ao novo presidente, novamente Getúlio Vargas, que, nesse ano, havia vencido as eleições, voltando, em 1951, ao poder, através do voto popular. A ligação do governo de Getúlio Vargas e algumas revistas recifenses que destacavam o presidente como um bom governante ficava cada vez mais evidente. Aliás, esse quadro repetiu-se



em várias cidades do país, uma vez que a compreensão que Vargas possuía sobre o poder que a imprensa e os veículos de comunicação exerciam sobre a sociedade era bastante clara. Ele soube, como poucos, reunir esforços para garantir seu domínio nessa área e impedir, inclusive, que informações que não estivessem a seu favor ou do seu governo fossem publicadas. Em troca, essas revistas que apoiavam os “pedidos” de Vargas eram recompensadas com verbas publicitárias e trocas de “gentilezas”. As revistas recifenses que adotaram essa política foram as únicas a sobreviverem por mais de um ano durante a ditadura e a censura prévia imposta à imprensa.

Contemporânea à Atlântida e à Itatiaia, a revista Capibaribe, fundada em 1946, não demonstrava ligações com o Governo Vargas. Com foco na cultura, a publicação mostrou-se, desde o início, bastante plural: exibia fotografias, publicidade, novela, moda, poemas, matérias sobre cultura e coluna social. Em 1950, depois de um período sem publicação, devido a crises financeiras, a revista mudou de diretoria. Sob os novos cuidados de Vanildo Bezerra, Danilo Lins e Luiz Beltrão, a revista foi reformulada e começou a ceder mais espaço para os fatos jornalísticos.

Luiz Beltrão foi um importante nome para o jornalismo em Pernambuco. Foi ele quem deu início às discussões sobre a formação de qualidade do jornalista no Estado e sobre a própria comunicação no Brasil, com a publicação da revista Comunicações & Problemas (1965), primeiro periódico acadêmico-científico do país no campo das Ciências da Comunicação, vinculado à Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, da qual também foi fundador, junto com o padre Aloísio Mosca, S.J, do curso de Jornalismo da Universidade (1961), hoje o mais antigo curso de jornalismo em funcionamento no Norte e Nordeste do país.

Na revista Capibaribe, Beltrão era responsável pela produção das matérias de política. Outras editorias faziam parte da revista, a exemplo de moda, educação e sociedade. Apesar de ser produzida em Pernambuco, a revista chegou a circular, de forma avulsa, nos estados do Amazonas, do Rio Grande do Norte, Bahia, São Paulo e no Distrito Federal. Além dos textos, a Capibaribe investia em charges, desenhos, fotografias e apresentava, em sua capa, as chamadas das reportagens principais.

O período que vai do Golpe Militar de 64 até o final dos anos 70 é considerado um dos mais críticos enfrentados pela imprensa brasileira, tanto pela censura quanto pela repressão e perseguição aos jornalistas. No Recife, isso não foi diferente. Além disso, o público leitor tornou-se mais restrito, pois até consumir ou ler essas publicações podia ser perigoso. Muitas revistas recifenses deixaram de circular nesse período.



Na pesquisa, não foi possível identificar, nos arquivos do Recife, nenhuma revista que tenha iniciado suas atividades entre 1964 e 1979. Pôde-se detectar, apenas, que, algumas publicações que já eram comercializadas resistiram e superaram os embargos, ou aderiram ao novo regime e tiveram continuidade. Como foi o caso da revista *Dos Novos*, publicação que começou em 1944 e conseguiu ultrapassar as dificuldades, chegando até 1980. Na primeira edição a revista afirmava ser uma publicação americanista, uma antologia contemporânea de novos valores.

Apesar de a revista não especificar sua periodicidade, nos exemplares encontrados, constata-se que ela circulava duas vezes por ano, era semestral e era comercializada em todo o país. Além de apresentar uma variedade de editoriais, tais como política, economia, cultura e esportes, a revista apresentava um texto coloquial. Os artigos, escritos não necessariamente por jornalistas, tratavam de fatos do cotidiano do Recife, porém com um toque autoral, ou seja, muitas vezes, o texto aparecia na primeira pessoa.

As poucas imagens (figuras) que aparecem nas edições têm caráter meramente ilustrativo. Não há uma constância no uso da fotografia e, menos ainda, uma preocupação com o tratamento dessas fotos. O primeiro exemplar tinha apenas 20 páginas, mas o espaço da revista foi ampliado ano a ano e, no último exemplar, a revista era editada em 45 páginas, conforme foi possível observar no acervo da Biblioteca Pública do Estado. Além das reportagens, a revista *Dos Novos* publicava contos, poesias e crônicas. Outra característica peculiar era o fato de a revista ter, no lugar da tradicional capa, uma primeira página, em que constavam o título, o número da edição, o preço, o expediente e o título dos artigos e reportagens do exemplar. A direção era de José Dias da Silva e o diretor de redação era o jornalista Stélio Gonçalves dos Santos.

Nos anos 70, não eram apenas a política e a censura que se apresentavam como obstáculos para a imprensa, as diversas crises econômicas também invadiam o cenário nacional. O mundo também era palco de sérios problemas políticos, econômicos e sociais. Uma das crises que mais afetou a imprensa, inclusive a pernambucana, foi a do petróleo, impulsionada pelos conflitos no Oriente Médio. Em 1973, por exemplo, o preço do barril passou da casa dos três dólares para quase doze dólares, em apenas três meses. Em 1979, outra crise do petróleo comprometeu o investimento em tintas e outros insumos derivados, necessários à sobrevivência dos veículos impressos, entre eles, as revistas. O papel também atravessou forte crise. Ficou cada vez mais difícil manter uma revista circulando no Recife.



A partir dos anos 80, já no governo do presidente João Batista Figueiredo, o Brasil dava continuidade ao processo gradual de retorno à democracia e a imprensa começava a respirar com menos censura. As manifestações contra a ditadura militar e movimentos sindicais tornam-se frequentes. Líderes dos trabalhadores e políticos surgem nesse contexto em vários estados do país, a exemplo do então metalúrgico Luís Inácio da Silva, o Lula. Além disso, a Lei da Anistia, aprovada em 1979, traz de volta ao Brasil exilados políticos como Miguel Arraes, Gregório Bezerra e Leonel Brizola.

Mas, ao contrário de anos anteriores, sobretudo o período entre as décadas de 30 e final dos anos 50, que registraram o maior volume de criação e circulação de revistas recifenses, a fase pós-ditadura militar registrou apenas 24 revistas produzidas na cidade do Recife. A maioria não passou do primeiro número, ainda por conta das graves crises financeiras. Nesse período, destaca-se a sobrevivência da revista Quadra. Já no final do século XX e início do Século XXI, novas revistas dão fôlego à imprensa local, com destaque para a Continente Multicultural, Coquetel Molotov e Algomais.

A revista Quadra, totalmente produzida no Recife, foi fundada em 1981. A publicação, que surgiu nos primeiros passos da abertura política, conseguiu chegar até o início do século XXI. O fundador da revista é o jornalista Joaquim José Freire Lagreca, também principal responsável pelas matérias, textos e opiniões.

A Quadra, no início das primeiras edições, dividia-se em seções, a exemplo de política, economia, cultura, gente (coluna social), além de notas rápidas e notícias internacionais e contava com colaboradores em vários países. Notícias sobre os Estados Unidos eram constantes, a exemplo das reportagens sobre a política do governo Reagan.

A revista circulava nacionalmente e tinha representantes no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Ela era comercializada através de assinaturas e vendas avulsas nas bancas do Recife. As fotos faziam parte de todas as edições da revista, chegando, em alguns momentos, a ter mais espaço que os próprios textos. Devido às dificuldades da época com a qualidade do papel e de impressão, essas fotografias, por vezes, apresentavam problemas com a nitidez. Só na década de 90, essas dificuldades de impressão diminuem, graças ao aperfeiçoamento técnico das máquinas fotográficas e da própria edição. A edição da revista Quadra normalmente circulava com 34 a 38 páginas.

Quanto à publicidade, a revista era financiada, basicamente, pela Prefeitura da Cidade do Recife, Petrobrás, Banco do Brasil, Banco Industrial de Pernambuco e anúncios da própria revista. Na edição de número 48, é possível identificar um material publicitário com quatro páginas, do governo Figueiredo. O título “Você trabalhou e o



Brasil mudou”, trazia os números que davam conta dos avanços conquistados em várias áreas do país, educacionais e de saúde, por exemplo.

A revista era conservadora e politicamente partidária, defendia, por exemplo, a candidatura à presidência de Paulo Maluf, tratando-o como “esperança e solução” para o momento histórico que o país atravessava. Mesmo depois do fim da ditadura, a revista permaneceu fiel ao antigo regime, opondo-se a nomes a exemplo de dom Helder Câmara que, segundo a publicação, liderava uma Igreja “sem nenhum escrúpulo”, sendo inclusive responsável, de acordo com a Quadra, pela “conspiração esquerdista que estabeleceu no Brasil o problema dos sem terra”. Em 1986, um ensaio de Lagreca afirma: “O que nos faz pensar que o mundo viveria melhor sem a Igreja Católica”. (LAGRECA, 1986, p.34).

Vale destacar, ainda, o trecho de uma matéria publicada na Quadra de número 71, no ano de 1986, em que se fala do lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel*. A revista deixa explícita sua posição contra a esquerda brasileira.

Anos depois (da morte de seu filho), quando voltava de uma noitada festiva, Zuzu Angel morreu vítima de um desastre de automóvel. Seu carro perdeu a direção, saiu da pista e se espatifou. De imediato, tentaram relacionar sua morte com o desaparecimento do filho, o terrorista Stuart Angel. Agora, se anuncia o livro *Eu, Zuzu Angel*, nova revelação de vedetismo. Do episódio, há que se lastimar o endosso que certos órgãos da imprensa nacional dão ao caso. (SENSACIONALISMO..., 1986, p.12).

Em 1986, alguns órgãos de imprensa começavam a contestar a informação dada pelo governo militar de que a morte de Zuzu Angel foi acidental, provocada por um simples acidente de carro. Havia indícios de que a estilista foi mais uma vítima da repressão militar.

Depois de sucessivas crises nos anos 70 e 80 e ainda nos anos 90, o jornalismo recifense tenta, no início do século XXI, retomar a sua vocação para a publicação de revistas. A mais conhecida delas é a *Continente Multicultural*, publicação mensal, fundada em 2000 e, hoje, reconhecida por seu cuidado técnico, pela qualidade de impressão e, sobretudo, por seu conteúdo plural e inovador. Entre seus colaboradores, além de jornalistas, passaram nomes a exemplo do escritor Ferreira Gullar, do ceramista Francisco Brennand e do geógrafo Manuel Correia de Andrade.

Em 2002, surge a ideia de dar mais espaço a alguns temas, por isso foi criada a *Continente Documento*, que abordava um tema específico ou uma personalidade, a



exemplo das edições sobre brinquedos infantis ou sobre Delmiro Gouveia, idealizador da hidroelétrica de Paulo Afonso, que viveu no Recife, no início do século XX. Mas a edição em separado da *Continente Documento* foi abandonada e ela foi incorporada à *Multicultural*, fazendo com que a revista ficasse mais plural e atraísse novos leitores.

No quesito *Jornalismo*, a *Continente*, além de abordar, sobretudo, temas culturais, também se propõe discutir o papel da comunicação para a sociedade. A revista avalia, em suas edições, a importância da Comunicação na formação do cidadão, seja em áreas afastadas das grandes cidades, seja na nova era da informação, ou mesmo quando trata da censura, tema abordado no número 79 da revista.

O espaço destinado aos anúncios publicitários, se comparado a outras revistas nacionais do mesmo porte, é bem menor: variam de três a cinco páginas apenas. Os anunciantes da *Continente* são praticamente os mesmos desde os primeiros números: o Governo do Estado de Pernambuco e a CEPE – Companhia Editora de Pernambuco. Esporadicamente, há anúncios da Caixa Econômica Federal, *Jornal do Commercio*, Ítalo Bianchi Comunicação, Shopping Tacaruna, Nordeste Segurança e Petrobrás.

A *Continente Multicultural* é publicada pela Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, editora oficial do Estado. A revista foi lançada na gestão do ex-governador, Jarbas Vasconcelos (PMDB), e continua no atual governo de Pernambuco, de Eduardo Campos (PSB). Apesar das mudanças na política, a revista continua circulando e demonstra independência editorial, uma vez que está voltada para os temas culturais.

Quatro anos depois da *Continente*, Recife viu nascer uma nova revista, que hoje é referência para o público jovem amante da música, sobretudo por seu perfil editorial e gráfico: a *Coquetel Molotov* (2004). Tudo começou quando um grupo de jovens pernambucanos resolveu promover um pequeno festival de música no Recife, trazendo bandas de dentro e de fora do país para fazer shows. Depois de um tempo, foi surgindo a necessidade de dar continuidade às ideias do *Coquetel Molotov*, nome também do festival. Primeiro surgiu um *site*, o www.coquetelmolotov.com.br, que, ainda hoje, lança bandas e procura unir aqueles que pensam e fazem a música no Brasil e no mundo, depois o impresso.

A ideia, que começou com *zines*, publicações alternativas, feitas, geralmente, em folhas simples de papel A4, que deu lugar à revista depois de uma parceria com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Originalmente, a publicação pretendia trabalhar apenas com entrevistas, mas logo viu que poderia ampliar o perfil editorial, introduziu espaço para resenhas, denominado *A Sua Caixinha de Música*, em que



artistas comentam músicas de outros artistas; Diário de Turnê, espaço para as bandas contarem suas aventuras nos *shows*; e a seção Top 20, na qual os músicos escolhem seus vinte discos preferidos.

Em 2005, já no formato de revista, a edição de número um, foi lançada esbanjando cor e imagens e, hoje, a Coquetel Molotov conquistou seu espaço entre as publicações nacionais direcionadas à música. A revista abusa da ousadia gráfica, da imagem e não está preocupada com a formalidade típica do impresso jornalístico – pelo contrário, segundo seus editores, a Coquetel Molotov quer justamente inovar, seja no formato, seja no conteúdo e nas pautas. A Coquetel é editada por Ana Garcia, Jarmeson de Lima e Tathianna Nunes, criadores da festival, do *site* e da revista.

Essa pluralidade pode ser observada, por exemplo, num artigo em que o sergipano radicado no Recife, DJ Dolores, escreve sobre o músico ucraniano Eugene Ürtz, do Gogol Bordello, que atualmente reside em New York. Ou no que o chileno Cristian Ayara fala de sua conterrânea Javiera Mena. O gaúcho Wander Wildner revela as conexões que teve com o Recife, quando foi *roadie* de uma turnê de Alceu Valença, antes de se aventurar no punk dos Replicantes. E Erasto Vasconcelos, capa do segundo número da revista, relembra sua trajetória musical nos Estados Unidos, Rio de Janeiro e Maranguape, conjunto habitacional popular no município de Paulista, em Pernambuco.

Desde o primeiro número, quem cuida de toda a parte visual é o estúdio de design Mooz, do Recife, que teve o cuidado de criar uma fonte especialmente para a Coquetel Molotov, e conseguiu estabelecer uma unidade que percorre todas as páginas da publicação. Graças ao apoio da SEDUC, a Coquetel Molotov pode ser adquirida gratuitamente, enquanto que outras publicações nacionais dirigidas ao público que gosta de música chegam a custar, em média, dez reais. Apesar do interesse em tornar a Coquetel Molotov uma publicação com distribuição nacional, a revista, atualmente, só é encontrada no Recife. No caso dos demais estados, os interessados na revista precisam mandar um e-mail para a equipe da Molotov enviar a publicação.

Outra revista produzida e que circula na cidade do Recife é a Algomais, publicada pela primeira vez em 2006. Ela configura-se como uma publicação destinada ao factual, dá conta de reportagens e artigos que abordam política, economia, cultura e assuntos gerais. Em 2007, a revista circulava com uma tiragem mensal de 11 mil exemplares, hoje já circula com 15 mil exemplares. É editada pela ARC & Associados e impressa pela CEPE. A idéia surgiu numa parceria entre Sérgio Moury Fernandes (ex-diretor do Jornal do Comércio/Recife) e a TGI Consultoria e Gestão. A edição geral,



hoje, está sob a responsabilidade do jornalista Roberto Tavares. A revista apresenta temas de interesse de Pernambuco e de estados vizinhos da Região. Tem um diferencial na forma de comercializar, é mais agressiva. A Engenho de Mídia é a responsável pela comercialização, e a distribuição fica a cargo da Log Express. O formato que a revista procura assumir é semelhante aos das revistas nacionais, a exemplo de Veja e Istoé, e abusa das fotos coloridas da divisão editorial em seções.

O custo para a publicação de uma revista é muito alto e, ao contrário da *Continente* e da *Coquetel Molotov*, que são basicamente financiadas pelo governo do Estado, a *Algomais* conta com verba publicitária de grandes anunciantes, a exemplo da Rede Globo, usinas de açúcar, construtoras, planos de saúde e instituições de ensino superior. Das 70 páginas da revista, cerca de 30% são destinadas ao espaço publicitário. O preço da publicação da revista em 2009 é de R\$ 9,00 (nove reais).

Segundo a editora executiva, Taciana Guimarães⁶, a *Algomais* é uma publicação que tem seu foco principal nas classes A, B e formadores de opinião. Talvez, por isso, as bancas que disponibilizam a revista estejam localizadas, quase sempre, em bairros do Recife onde moram pessoas de maior poder aquisitivo, a exemplo de Boa Viagem, Casa Forte, Graças, Espinheiro, e também nos principais *shoppings* da cidade.

Editorialmente, a idéia da revista, inicialmente, era tratar temas sociais, políticos, econômicos e culturais de relevância para o Estado e para a Região, buscando, segundo Guimarães (2007), novos ângulos. “Queremos uma visão diferenciada - ética, realista e procurando apontar soluções para as questões de Pernambuco. A *Algomais* apresentou-se como a revista do Estado, e vem, em suas reportagens, tentando ser a voz dos pernambucanos”.(GUIMARÃES, 2007)⁷.

Mas se, no início, a revista era centrada na região Nordeste, hoje, a *Algomais* destina maior espaço para as matérias de abrangência nacional e, até mesmo, internacional. O número 16 da revista, por exemplo, enfocou o importante papel que a China possui nos dias atuais, seja nos aspectos econômico, político ou cultural.

Finalizando, é importante destacar que, mesmo com a consolidação da imprensa industrial, que, segundo Sodré (1999) teve como principal finalidade a geração de lucro, tomando maior força nas grandes metrópoles e capitais do país, ou com o avanço tecnológico, representado pelas publicações digitais, nota-se que muitos grupos de

⁶ Taciana Guimarães era a editora executiva quando foi realizada a pesquisa de campo. Hoje essa editoria está a cargo de José Neves Cabral.

⁷ Entrevista concedida aos pesquisadores, em Recife, em 18 de julho de 2007.



imprensa ou de comunicação ainda se deixam influenciar por agentes externos ao meio jornalístico. A imprensa recifense e a produção de revistas, em particular, foram testemunhas dessas influências, sofrendo, mas também crescendo com as crises econômicas e políticas.

Em vários momentos da história brasileira no século XX, sucessivas crises, tais como a do papel e a do petróleo, aliadas às dificuldades impostas pela censura, seja na Era Vargas ou no Regime Militar (1964-1985), colocaram em xeque dezenas de revistas, contribuindo, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, para o quase total desaparecimento desse tipo de publicação no Recife. Mas, com o novo século, a imprensa recifense tomou novo fôlego e à atividade jornalística voltada para as revistas parece dar sinais de reação. Assim, novas publicações surgem com formatos diferenciados, temas diversos e algumas com alcance nacional. Hoje há uma tendência para a busca pela informação que contemple um público cada vez maior, mas com interesses específicos, portanto, um público que merece impressos mais cuidadosos e cada vez mais criativos.

Dentro dos novos paradigmas da comunicação, não podemos deixar de destacar o importante papel da *internet* para a sobrevivência das revistas recifense atuais. A Coquetel Molotov, por exemplo, pode ser solicitada por e-mail endereçado à redação da ou *site* da revista. Esse recurso é importante porque a revista impressa não possui uma periodicidade regular, ainda assim, as pessoas interessadas em música podem manter-se informadas pela página da Molotov na internet. As revistas Algomais e Continente Multicultural também mantêm *sites* e endereços de contato com os internautas.

A relação entre as revistas e seus leitores mudou muito desde a utilização da *internet* como espaço de informação. Preocupadas em não perder público para *sites* noticiosos, as revistas entraram nesse campo, disponibilizando, pela internet, parte das matérias publicadas em seus impressos. A Continente é um exemplo dessa prática.



REFERÊNCIAS

- ALGOMAS. Recife, 2006 –. Mensal.
- A VERDADE. Recife, 1908 – 2006. Mensal.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CAPIBARIBE. Recife, 1946 –. Mensal
- CONTINENTE MULTICULTURAL. Recife, 2000 –. Mensal.
- COQUETEL MOLOTOV. Recife, 2004 –. Mensal.
- DIJK, T. A. Van. **La noticia como discurso, comprensión, estructura y producción de la información**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 2000.
- DOS NOVOS. Recife, 1944 – 1980. Semestral.
- [EDITORIAL]. **A Evolução**. Recife, ano 1, n.1, p.6, 1908.
- INOJOSA, J. Graça Aranha, agitador da bandeira vermelha da renovação. **Revista de Pernambuco**. Recife, ano 2, n.13, p.34-35, jul.,1925.
- ITATIAIA. Recife, 1946 –. Mensal.
- LAGRECA, Joaquim. **A Quadra**. Recife, ano 6, n. 71, p.34, 1986.
- MELO, JOSÉMarques de. **Sociologia da imprensa brasileira: A implantação**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1972.
- [REVISTA de Pernambuco]. **Revista de Pernambuco**. Recife, ano 1, n.1, p.10, jul., 1924.
- [REVISTA do Norte]. **Revista do Norte**. Recife, ano 2, n.2, p.16, jan., 1924.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SEIXLACK, Flávio. **Bom, bonito e... gratuito**. Disponível em:
<http://tramavirtual.uol.com.br/noticia.jsp?noticia=6534>. Acesso em: 15 jul. 2007.
- SENSACIONALISMO converte terrorista em herói. **A Quadra**. Recife, ano 6, n.71, p.12, 1986.
- SODRÉ, N. Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- [VOTOS natalinos]. **Atlântida**. Recife, ano 5, n.12, p.3, dez., 1944.